

# “A saída é um acordo com a sociedade”

por Cláudia Safatle  
de Brasília  
(Continuação da 1ª página)

co-responsabilidade de credores e devedores, tem encontrado eco. Amanhã o ministro deverá acertar uma data para a primeira reunião da Comissão de Assessoramento do Presidente da República para Assuntos da Dívida Externa.

Essa comissão, cujo embaixador extraordinário é o ex-chanceler Ramiro Saraiva Guerreiro, deve reunir-se no início da semana que vem, conforme expectativa de Funaro, que fará um detalhado relato sobre os resultados de suas conversações com banqueiros e autoridades financeiras internacionais, em Nova York e Washington. Na terça-feira próxima, chega a Brasília uma missão do Banco Mundial (BIRD) que começará a negociar com o governo brasileiro um estoque de projetos para financiamentos.

Ao todo, entre projetos, cartas-consulta e estudos, o Brasil tem uma demanda de aproximadamente US\$ 4 bilhões nas gavetas do BIRD. Essa missão que chega a Brasília vai avaliar projeto por projeto e assinalar quais os viáveis e com chances de obter financiamentos no curto prazo. Com isso, Funaro aguarda receber cerca de US\$ 2,5 bilhões neste ano do BIRD, principalmente para os setores elétrico e agrícola.

O ministro vê, no envio dessa missão, uma resposta positiva do BIRD à apresentação do plano de financiamento brasileiro para os próximos quatro anos.

O BIRD deverá também

participar do processo de refinanciamento dos juros da dívida externa, que hoje estão sob suspensão de pagamentos. A título de “new money” para este ano, cuja necessidade é estimada em cerca de US\$ 4,3 bilhões, o ministro da Fazenda espera apenas “normalizar a situação que existe”.

Como a suspensão do pagamento dos juros da dívida de médio e longo prazos, o País está retendo em seu caixa algo equivalente à necessidade de recursos novos. Para que esses recursos não saiam do País, o governo espera que bancos privados internacionais e o BIRD encontrem formas de refinanciamento.

Funaro está acreditando na viabilização de diversos mecanismos, compondo um “menu” como foi sugerido pelo secretário do Tesouro norte-americano, James Baker III. Nesse cardápio estariam mecanismos como conversão de dívida em capital de risco, aumento das linhas de comércio, capitalização, empréstimos para projetos, entre outros.

Juntamente com a discussão de instrumentos de refinanciamento, o ministro da Fazenda espera definir se a renegociação envolverá todo ou apenas uma parcela do estoque da dívida externa e, também, a redução do custo médio da dívida, que hoje é de 2% (a média da taxa de risco). Como todas essas questões estão sendo discutidas, será de suma importância o acerto do governo brasileiro com o BIRD, para dar maior tranquilidade aos banqueiros. Funaro prefere não falar em tempo para a renegociação.

17 ABR 1987

# “A saída é um acordo com a sociedade”

GAZETA MERCANTIL

por Cláudia Safatle  
de Brasília

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, está convicto de que a questão da dívida externa brasileira tomou um impulso “extremamente positivo” na semana que passou, durante a reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI), em Washington.

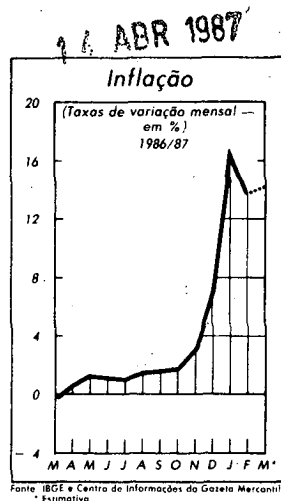
Refeito, de certa forma, da crise que quase o levou à demissão, fruto da articulação de quatro governadores de estado liderados pelo governador Orestes Quércia, de São Paulo, Funaro comentou: “Isso é coisa da semana passada”.

Ontem, pela manhã, ele esteve no Palácio do Planalto, para relatar ao presidente Sarney os resultados colhidos nas discussões com banqueiros internacionais e autoridades financeiras norte-americanas, sobre o refinanciamento dos juros da dívida, que deverá ser feito parte pelo Banco Mundial e parte pelos bancos privados credores do País.

Internamente, a última informação recebida pelo ministro da Fazenda, ontem, era de que a taxa de inflação, medida pelo INPC do IBGE, foi de 14,2 a 14,3% em março. Funaro adiantou que neste mês de abril a inflação ainda será alta — em função dos aumentos de preços de produtos agrícolas e tarifas do setor público.

Esse patamar de inflação, que se tem situado na faixa de 13 a 14%, ainda é bastante “alto”, admite Funaro. Ele explica o movimento altista de preços como reflexo de dez meses de congelamento e assinala que este processo de realinhamento está “nos seus últimos momentos”.

A partir de maio, a tendência seria de uma redução dos índices inflacionários, que o ministro admite ser um ponto complicado, em face da reindexação da economia. “Daqui a pouco nós vamos bater, novamente, numa inflação inercial”, da qual o governo somente poderá sair através de “um entendimento com



a sociedade” e não mais, acredita Funaro, através de um plano de estabilização como foi o Plano Cruzado, imposto pelo governo.

A política de curto prazo, que o ministro da Fazenda está implementando, passa pela permissão de uma flutuação dos preços. “Estamos sentindo um ajuste forte do mercado. Alguns preços subiram e agora estão tendo uma reversão, como é o caso dos do vestuário. Algumas empresas abusaram da elevação de preços. As vezes eu fico revoltado. Mas agora o mercado está-se ajustando, é um mercado de oferta, onde a população sai beneficiada”, acredita o ministro, para quem, “agora, cada dia conta a-nosso-favor”.

No “front” externo, Funaro constatou com satisfação que a tese brasileira de sair da crise pelo crescimento econômico, e da